

Construção da humanidade pacífica, igualitária e altruísta

» DIOCLÉCIO CAMPOS JÚNIOR

Médico, professor emérito da UnB, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, membro titular da Academia Brasileira de Pediatria, ex-presidente do Global Pediatric Education Consortium (GPEC) — Email: dicamposjr@gmail.com

O significado da palavra humanidade deve ser entendido com base nos conceitos que geraram sua criação. De fato, em conformidade com os pensamentos do sábio historiador Cícero, da era romana, humanitas refere-se à comunidade formada por seres humanos cuja energia mental cultiva o nobre valor do altruísmo, a ser visto como sabedoria da alma da espécie *Homo sapiens*. Não se pode, pois, falar em progresso da humanidade se esse princípio não for respeitado.

A humanidade verdadeira vem sendo estruturada vagarosamente. É a maneira de construir, com coerência, a histórica sociedade da espécie humana. De fato, o humanismo é inspirado na prática de princípios morais e éticos, sem os quais prevalece o animalismo que inviabiliza o *Homo sapiens*. São normas comportamentais criadas pela espécie humana ao longo de toda a sua existência no planeta.

Assim, o desafio que a humanidade enfrenta, para compor uma sociedade justa, igualitária e acolhedora, é inspirar todas as suas ações nos valores morais e éticos por ela concebidos e propagados. Um dos exemplos que comprovam o atraso da espécie humana diante dos avanços científicos produzidos é a cultura bélica que tomou conta, de forma cada vez mais sanguinária, da vida dos habitantes do planeta Terra. Na verdade, a guerra mantém-se como modalidade do poder de alguns países, cujos governantes ignoram os valores morais e éticos para priorizarem o investimento governamental nas diversas armas bélicas, inclusive naquelas que são nucleares.

Com o uso de tais equipamentos, podem impor seus objetivos guerreiros e invasivos, que consideram perfeitos, às populações de outros países cujos governantes não são desumanos. É o que está a ocorrer atualmente na Ucrânia, que, há seis meses, vem sendo agredida pelo governo russo por meio de bombardeios avassaladores e constantes; fuzilamentos diários de ucranianos; e ocupação de regiões daquele país.

Já está também comprovado que os governantes com formação bélica, como o da Rússia, menosprezam o valor do diálogo com representantes dos países que são alvo de guerras. Impedem, assim, que seja construída uma solução pacífica e humanizante.

A prática do diálogo pressupõe consistente educação do ser humano. Trata-se de investimento a ser sempre mantido em favor de uma sociedade humanista, respeitosa e fraternal. As autoridades que desprezam a educação jamais cumprem o sagrado objetivo da paz humana. É o que sofre o continente africano.

Na verdade, a África era e continua sendo uma área das mais isoladas do planeta. Foi invadida, ocupada, colonizada e explorada por outros países, mormente da Europa. Sua população negra original continua sendo vítima da exploração abusiva nos países para os quais foram levados como escravos. É o que ocorre no Brasil, mesmo após a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888.

Na África do Sul, que esteve sob o domínio da Inglaterra e da Holanda, a escravidão foi marcante, dada a característica do apartheid como isolamento imposto aos negros e brancos daquela nação. A biografia que mais se projeta nesse injusto

e abusivo cenário é a do advogado Nelson Mandela. Foi o sul-africano que mais lutou contra a escravidão e respectivo apartheid.

Dedicou-se de corpo e alma, sem violência nem agressão, à tentativa de pôr fim àquele regime social degradante que comandava seu país. Foi detido e cumpriu pena de 27 anos de prisão. Mesmo durante tão amargo período de vida, manteve-se engajado no movimento pela libertação da África do Sul. Tão logo deixou a prisão, seu mérito manteve-se à tona. Recebeu Prêmio Nobel da Paz, foi eleito o primeiro presidente da República da África do Sul e é hoje considerado o mais valioso líder da nação sul-africana.

Os cenários acima descritos são de selvageria arrasadora, embora não sejam os únicos. Muitos

outros possuem a mesma e desumana dimensão. Torna-se evidente que a educação de qualidade para todos os povos do planeta é a sólida iniciativa capaz de converter os impulsos animalescos da espécie *Homo sapiens* na alma humana que lhe cabe possuir, cultivar e propagar.

Só assim a humanidade poderá superar os desafios que lhe são impostos, entre os quais educação qualificada, eliminação da guerra e respectivas armas, construção da paz eterna, respeito ao próximo, igualdade de direitos, fim da fome, diálogo construtivo e na dimensão que merece, trabalho igualitário para todos, desconstrução de linguagem agressiva, investir na saúde e educação da infância para bem revelar o seu potencial cognitivo.



Não existe qualidade de vida sem segurança da informação

» ADRIANA SALUCESTE

Diretora de tecnologia e operações da TecnoBank

Quais dados privados seus estão, neste exato momento, sendo compartilhados pelo seu banco, dentista, operador de telefonia, condomínio, plano de saúde e outros serviços cotidianos? Nome, telefone, endereço, CPF, RG, data de nascimento, nome dos pais e dos filhos, informações médicas, saldo bancário. Quantos detalhes sobre a sua vida estão, agora mesmo, circulando pelas mais variadas redes e, portanto, suscetíveis a uso indevido?

É claro que essas são perguntas retóricas, até porque é muito difícil, para o usuário final, responder a indagações como essas. E é por isso que a responsabilidade das empresas sobre a segurança da informação não é e não pode ser assunto apenas dessas empresas. Cada parte da cadeia, da empresa ao usuário final, deve estar ciente das medidas básicas de segurança para evitar o vazamento e o uso ilegal de dados.

Do lado de dentro das corporações, os cuidados adotados para proteger informações sensíveis precisam ser, mais que protocolo, parte da rotina. Hoje, segurança da informação não pode mais ser assunto apenas do time de TI. Todo o corpo de colaboradores e

lideranças precisa entender as próprias responsabilidades no processo de proteção aos dados de clientes e fornecedores.

Para isso, uma das estratégias mais comuns é organizar, dentro da empresa, uma infraestrutura robusta de segurança. Mais: também se faz necessário adotar um sistema de gestão de segurança da informação (SGSI). A maior referência para isso é, há muito tempo, a norma ISO 27001. E, à luz dos grandes ataques a bancos de dados que vêm sendo realizados em todo o mundo, essa norma ganha ainda mais relevância, com uma tendência evolutiva, na preparação para estar em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

Quando se trata de evitar os ciberataques, as organizações devem se comprometer de fato — e não apenas no discurso — a tomar todas as medidas cabíveis para oferecer àqueles que nelas confiam uma proteção adequada. Controles como comprometimento da alta direção, gestão de riscos, elaboração de políticas, conscientização, processos de auditoria, processos de RH, segurança nas comunicações, gestão de incidente e de continuidade de negócios, gestão da cadeia

de suprimento, desenvolvimento seguro, gestão de ativos e de acessos, segurança nas operações, segurança física e do ambiente são, mais que exigências da ISO 27001, uma necessidade.

Já passa do momento, na verdade, de encarmos a proteção de dados como um direito fundamental dos indivíduos na sociedade contemporânea. Afinal, é o trabalho com esses dados que gera boa parte do fluxo de informação necessário para que os grandes negócios da área de tecnologia e inovação se desenvolvam de forma apropriada. As regras relacionadas ao tratamento e armazenamento de dados não são mera formalidade legal. Depende delas a segurança — até mesmo física — de pessoas em todas as partes do planeta.

Se o mundo de hoje é movido a tecnologia; se ela está presente em todos os aspectos da vida; se dela depende o progresso tão imprescindível para a melhoria de qualidade da vida humana; se o mundo só será mais justo e confortável para todos com a aplicação dessa tecnologia, então é papel de quem a promove garantir que todos tenham acesso a ela sem, com isso, arriscar qualquer parte da própria privacidade.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Desarmados e indefesos

Uma das razões que comumente levam os partidos de esquerda, no Brasil e em todo o mundo, a pregarem, sistematicamente, contra o acesso dos cidadãos a posse de armas, tem suas raízes fincadas muito além de quaisquer princípios ideológicos de paz ou coisa do gênero. Por detrás dessa vedação estratégica, os fatos históricos demonstram, que em todo o mundo, o crescimento da hegemonia dos partidos de esquerda dentro do Estado, só foi efetivamente concretizado à medida que se processava, paralelamente, o desarmamento da população e de toda a quaisquer dissidências, impedindo-as de reagirem em tempo.

Ao arbítrio da força das armas, imposta por governos com as mesmas características, sejam de esquerda, sejam de direita, somente uma força igual e contrária em intensidade é capaz de reverter a situação. População desarmada é refém e presa fácil da imposição da bandidagem, esteja ela dentro do Estado ou nas ruas. Esse é um fato inconteste. Prova que, mesmo em democracias evoluídas, as relações sociais necessitam do lastro das armas para sua efetivação. Não por outra razão, a maior democracia do planeta, os Estados Unidos (EUA), consagram, em sua Carta Magna, o direito dos cidadãos ao porte de armas de fogo. A segunda e a 14ª Emenda protegem o direito dos cidadãos de portarem armas de fogo para defesa pessoal, de sua família e de sua propriedade.

O fato de levantar estatísticas mostrando que o aumento da violência urbana e rural está diretamente ligado ao aumento no número de armas não tem surtido os efeitos desejados pelos defensores do desarmamento. O que existe de fato é que o crescimento exponencial da violência, principalmente nos centros urbanos, nos últimos anos, e a pouca efetividade da segurança pública têm levado os cidadãos a comprar armas e a investir, cada vez mais, em segurança pessoal ou condominial, o que favorece a indústria e o mercado legal de armamentos.

Cursos de defesa pessoal, curso de tiro e de uso correto e preventivo de armas de fogo, tem aumentado também por todo o país. A maior liberação ao acesso as armas, feitas pelo atual governo, inclusive, com o incentivo ao uso de armas, tem ajudado a população a se armar como nunca antes. Vídeos mostrando a atuação frustrada de bandidos e a pronta reação dos brasileiros também têm incentivado a compra de armamentos por muitos. A questão do aumento do armamento não está no mercado legal de armas, mas na possibilidade ampla do tráfico de armas, realizado graças a porosidade excessiva de nossas fronteiras terrestres. Os armamentos clandestinos que entram no país e que tem sua clientela certa junto as organizações do crime, essa sim representa um verdadeiro perigo para todos e está associada diretamente aos índices de violência. Bairros inteiros em que boa parte da população já possui armas, os bandidos, precavidos desse fato, passam a evitar, por razões óbvias. Com a população devidamente armada e preparada há que se pensar duas ou mais vezes antes de agir.

» A frase que foi pronunciada

“Oligarcas e tiranos desconfiam do povo e, portanto, privam-no de suas armas.”

Aristóteles, 384-322 a.C

Terror

» Deputado federal Hercílio Diniz, MDB, dr. Luciano (Patriota), o piloto, David Barroso (União) levaram um susto. O helicóptero fretado para campanha caiu na tarde de ontem no Vale do Rio Doce, no município de Engenheiro Caldas. Todos estão vivos apenas com leves ferimentos.

Mala direta

» Está respaldado, na Lei 6538/78, o serviço dos Correios a pessoas físicas e jurídicas que contratarem o envio de mensagem publicitária para vender ou divulgar até promover eventos, inclusive a candidatos e partidos políticos. Veja todos os detalhes no *Blog do Ari Cunha*.

Falando nisso

» Outra forma de presença importante dos Correios durante as eleições é com o suporte aos mesários, com o vale postal eletrônico para a alimentação além do transporte, este ano, de mais de 100 mil urnas.

» História de Brasília

Abriam valetas para colocação de esgotos. Fecharam as valetas. Não fecharam. Jogaram terra. Nenhuma placa indica o perigo, e a todo instante, um carro atola perigosamente. Ponham alguma indicação, por favor. (Publicada em 10/3/1962)